

**AUTORIA DE MULHERES OITOCENTISTAS NO PENSAMENTO SOCIAL
LATINO-AMERICANO: A IMPRENSA COMO ESTRATÉGIA DE
AUTORREPRESENTAÇÃO**

***AUTORÍA DE MUJERES DEL SIGLO XIX EN EL PENSAMIENTO SOCIAL
LATINOAMERICANO: LA PRENSA COMO ESTRATEGIA DE
AUTORREPRESENTACIÓN***

***AUTHORSHIP OF 19TH-CENTURY WOMEN IN LATIN AMERICAN SOCIAL
THOUGHT: THE PRESS AS A STRATEGY OF SELF-REPRESENTATION***



Mariana CRUZ-BENIGNO¹

e-mail: mcruzbenignos@gmail.com

Elizabeth RUANO-IBARRA²

e-mail: elizabethruano@gmail.com

Como referenciar este artigo:

CRUZ-BENIGNO, M.; RUANO-IBARRA, E. Autoria de mulheres oitocentistas no pensamento social latino-americano: a imprensa como estratégia de autorrepresentação. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 14, n. 00, e025006, 2025. e-ISSN: 2358-4238. DOI: 10.29373/sas.v14i00.19862



| Submetido em: 02/12/2024

| Revisões requeridas em: 11/12/2024

| Aprovado em: 20/12/2025

| Publicado em: 29/12/2025

Editor: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Graduanda em Serviço Social na Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora de Iniciação Científica e bolsista PROIC CNPQ.

² Doutora em Ciências Sociais. Professora visitante do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora do CNPq (PQ2).

RESUMO: Abordamos a contribuição de *A Família* e de *A Mensageira*, fundadas respectivamente por Josephina Álvares de Azevedo e Presciliiana Duarte de Almeida, para a emancipação das brasileiras oitocentistas. Para compreender as temáticas abordadas nesse jornal e revista utilizamos a revisão bibliográfica e a análise de conteúdo e os conceitos de imprensa oitocentista, mulheres, pensamento social latino-americano e androcentrismo. Os achados da pesquisa indicam que ambas as mídias foram fundamentais na defesa dos direitos das mulheres, especialmente no que tange à educação, compreendida como um meio essencial para a emancipação das mulheres. Não apenas desafiaram as normas patriarcais da época, mas também contribuíram para a formação de uma consciência crítica entre as mulheres, evidenciando a relevância da imprensa como espaço de luta e autorrepresentação.

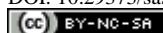
PALAVRAS-CHAVE: Androcentrismo. Imprensa oitocentista. *A Família*. *A Mensageira*.

RESUMEN: Abordamos la contribución de *A Família* y *A Mensageira*, fundadas respectivamente por Josephina Álvares de Azevedo y Presciliiana Duarte de Almeida, para la emancipación de las brasileñas del siglo XIX. Para comprender las temáticas tratadas en este periódico y revista, utilizamos la revisión bibliográfica y el análisis de contenido, así como los conceptos de prensa del siglo XIX, mujeres, pensamiento social latinoamericano y androcentrismo. Los hallazgos de la investigación indican que ambas publicaciones fueron fundamentales en la defensa de los derechos de las mujeres, especialmente en lo que respecta a la educación, que se consideraba un medio esencial para la emancipación de las mujeres. No solo desafiaron las normas patriarcales de la época, sino que también contribuyeron a la formación de una conciencia crítica entre las mujeres, evidenciando la relevancia de la prensa como un espacio de lucha y autorrepresentación.

PALABRAS CLAVE: Androcentrismo. Prensa del siglo XIX. *A Família*. *A Mensageira*.

ABSTRACT: We address the contribution of *A Família* and *A Mensageira*, founded respectively by Josephina Álvares de Azevedo and Presciliiana Duarte de Almeida, to the emancipation of Brazilian women in the 19th century. To understand the themes addressed in this newspaper and magazine, we used bibliographic review and content analysis, along with the concepts of 19th-century press, women, Latin American social thought, and androcentrism. The research findings indicate that both publications were fundamental in defending women's rights, especially regarding education, which was seen as an essential means for women's emancipation. They not only challenged the patriarchal norms of the time but also contributed to the formation of a critical consciousness among women, highlighting the press as a significant space for struggle and self-representation.

KEYWORDS: Androcentrism. 19th-century Press. *A Família*. *A Mensageira*.



Introdução

Neste artigo analisamos as contribuições de *A Família: jornal literário dedicado à educação da mãe de família*, fundado por Josephina Álvares de Azevedo (1851–1913) e de *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*, fundada por Presciliiana Duarte de Almeida (1867–1944), que vigoraram respectivamente entre 1888 e 1897 e entre 1897 e 1900. Esse jornal e revista cumpriram os seguintes critérios de pesquisa: 1) fundação, direção e escrita por pensadoras latino-americanas; 2) sediados em países latino-americanos; 3) gratuidade, disponibilidade *online* e legibilidade dos arquivos e 4) proximidade geográfica e temporal³.

Buscamos elucidar a imprensa oitocentista fundada, dirigida e escrita por mulheres oitocentistas brasileiras, a partir de *A Família* e *A Mensageira*, no contexto de uma pesquisa que localizou 46 jornais e revistas oitocentistas em países latino-americanos. *A Família* promoveu a defesa dos direitos das mulheres na sociedade patriarcal oitocentista (Azevedo, 2019) expressando que: “é preciso desde já romper com o preconceito e com a estultice dos homens, que nos tem avassalado aos seus caprichos, começando por estabelecer bem positivamente as bases dos nossos direitos” (Azevedo, 1888, p. 2, grifo nosso). *A Mensageira* também se posicionou pela emancipação das mulheres inspirando-as com debates sobre direitos e ímpeto reformista dos papéis sociais de gênero (Knapp, 2021; Bahia, 1990).

Os conceitos que guiam a análise são: imprensa oitocentista; mulheres; pensamento social latino-americano e androcentrismo. A imprensa oitocentista se constituiu como centro de sociabilidade intelectual e de sensibilidades ideológicas comuns entre agentes culturais da literatura, do ensino, do jornalismo, dentre outros campos. Essa dinâmica consolidou redes de influência e fidelidades, e fomentou debates e cisões que refletiam as tensões políticas e sociais da época (Sirinelli, 2003). Da disputa de sentidos através da imprensa irromperam esquecimentos, significados e desestabilizações do poder vigentes (Le Goff, 1990; Barca, 2021). No Brasil, os jornais e as revistas enquanto espaços de publicação literária aportaram na constituição de uma cultura letrada, caracterizando-os como um suporte plural e heterogêneo (Barbosa, 2007). As revistas e jornais oitocentistas fundadas por mulheres nos países latino-americanos desafiaram as barreiras tradicionais e contribuíram com a emergência de outras autorias e de novas perspectivas (Ferreira, 2010).

³ O primeiro jornal oitocentista fundado no Brasil, por Maria Josefa Barreto Pinto (1775–1837), mulher negra, professora e pensadora no Rio Grande do Sul: o Bellona Irada Contra os Sectários do Momo, não possui arquivos disponíveis pois “infelizmente os canhões farroupilhas consumiram com seu Belona, sem deixar exemplar” (Flores, 2014, p. 215).



O uso da imprensa como fonte de pesquisa acadêmica se generalizou a partir de 1980 (Luca, 2006) sendo necessário compreendê-la enquanto uma força ativa na constituição da consciência histórica (Cruz; Peixoto, 2007) e considerando as parcialidades editoriais e as múltiplas vinculações com o contexto político e social (Samara; Tupy, 2007). Nossa análise priorizou as primeiras edições de *A Família* (Azevedo, 1888) e de *A Mensageira* (Almeida, 1987b), delimitação metodológica condicionada pelo desvendamento temático proposto, apoiada na revisão bibliográfica (Lima; Mioto, 2007), documental (Pádua, 2000) e análise de conteúdo (Bardin, 2016). Ao investigar a historicidade desse jornal e revista, os compreendemos enquanto agentes (Cruz; Peixoto, 2007) de autorrepresentação e de luta por emancipação das mulheres latino-americanas oitocentistas, circunscrevendo-a nas mudanças da época.

Aderimos à noção de mulheres que implica uma construção social e política entramada nos marcadores sociais da diferença como raça, classe, sexualidade, idade, nacionalidade, dentre outros. “Muito provisoriamente, eu diria que uma *mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles*” (Funck, 2011, p. 67, grifo nosso).

A etapa fundacional do pensamento social latino-americano (Zea, 1976; Marini, 1994; Martins, 2006), de viés androcêntrico e circunscrita nas independências do colonialismo espanhol, francês e português, entre o final do século XVIII e início do século XIX (Zea, 1964; Ansaldi; Giordano, 2012), invisibilizou as contribuições das pensadoras⁴ oitocentistas latino-americanas (Ruano-Ibarra; Resende, 2022b). A transição de colônias para nações gerou uma produção intelectual dedicada à compreensão dos desafios específicos dessa realidade social, representando o surgimento do campo que se institucionalizaria no século seguinte como pensamento social latino-americano (Zea, 1964; Ansaldi; Giordano, 2012). Para Ianni (2000), esse pensamento é um processo que não se fixa pois é influenciado pelo jogo das forças sociais

⁴ Adotamos os termos de pensadoras, autoras e escritoras como descritores intercambiáveis de autorias situadas em diversas profissões e ofícios, principalmente, docência, literatura, música, teatro e militância política. O termo de escritora rompe com a hierarquização entre as categorias de poetisa e de romancista, dentre outras, que refletem disputas do campo literário oitocentista (Infante Vargas, 2008) e violências implícitas balizadas por diferentes coeficientes de poder (Ruano-Ibarra; Resende, 2022b). A palavra autoria carrega herança semântica e requer atualização conforme Pires e Lima (2020), perante os desdobramentos do capitalismo cognitivo, como o compartilhamento de dados na internet e o livre acesso a bens imateriais. O termo autoras legitima a enunciação e função social dessa produção intelectual, realizada por essas mulheres oitocentistas, apesar da subordinação epistêmica (Ruano-Ibarra; Resende, 2022b, 2023).



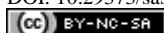
e está sempre em busca de autoconhecimento, reconhecimento e configuração diante da complexidade das sociedades latino-americanas.

Importa reconhecer que esse processo não se deu em um vácuo, mas sim à margem do pensamento ocidental dominante, que tende a desconsiderar as especificidades e as complexidades das realidades latino-americanas. Em resistência, a identidade do pensamento latino-americano é, portanto, moldada por sua história e geografia, que fornecem as bases para uma compreensão mais autêntica da região (Carosio, 2017). O pensamento latino-americano pode ser entendido como uma forma de autoconsciência que reflete um compromisso, tanto consciente quanto inconsciente, de registrar e interpretar as realidades histórico-sociais de cada nação e do continente como um todo. A diversidade de criações incorpora expressões culturais como música, poesia, fotografia, pintura e produção audiovisual como elementos igualmente cruciais para o pensar latino-americano. É um campo complexo e multifacetado que se desenvolveu ao longo de diversas etapas históricas e em diálogo com influências globais (Valdés, 1997; Ianni, 2000).

A pergunta que orienta o artigo diz respeito a como *A Família* e *A Mensageira* problematizaram a subordinação de gênero das brasileiras oitocentistas. Para tanto, a estrutura do texto inclui além da introdução e da conclusão, a seção de contextualização das contribuições da imprensa oitocentista ao pensamento latino-americano fundacional e a seção de análise temática sobre as brasileiras oitocentistas no primeiro número desse jornal e revista.

A imprensa oitocentista no pensamento social latino-americano

A imprensa oitocentista emergiu no contexto de intensas reivindicações sociais e econômicas e aproveitou seu poder e influência para impulsionar interesses sócio-políticos próprios. A Igreja católica e os Estados-nação tentaram contê-la por meio da censura, no entanto, os periódicos e revistas continuaram como espaços de intensa luta ideológica e mobilização social (Lage, 1985). Após as independências do colonialismo espanhol, português e francês, a escolarização ganhou impulso, influenciando diretamente a moral pública e os costumes (Lustosa, 2000; Faria Filho; Sales, 2009; Mizuta, 2010). No final do século XIX, assumiu características de fenômeno intrinsecamente ligado à industrialização (Silva; Silva, 2005), produzindo e disseminando produtos culturais. Essa transição levou à desaparição de alguns jornais e revistas de pequeno porte e à criação de empresas jornalísticas dotadas de avançada tecnologia gráfica (Sodré, 1966). A imprensa acompanha o desenvolvimento



capitalista, influenciando o comportamento social (Sodré, 1966), noticiando e produzindo acontecimentos (Pallares-Burke, 1998).

A imprensa oitocentista contribuiu com o fortalecimento do sentimento nacionalista e a consolidação das repúblicas, adquiriu equipamentos gráficos e profissionalizou a estrutura de produção e circulação, institucionalizou os serviços para anunciantes e a subscrição de leitores (Sodré, 1966). No contexto social brasileiro oitocentista, um país em que a maioria da população era analfabeta, a divulgação das mensagens da impressa requeriam a mediação oral, de repetição e reinterpretação (Ferreira, 2010). Ao delimitar temas e moldar opiniões a imprensa consolida perspectivas dominantes, naturaliza compreensões e oculta experiências (Sirinelli, 2003).

Josephina Álvares de Azevedo, fundadora do jornal *A Família* (1888–1897), apontou que as novas doutrinas se propagavam através da imprensa e a definiu como aquela que “fulmina o erro” e desperta as consciências adormecidas, “como o raio que fende a rocha e fura o chão” e como “força misteriosa” que tem de destruir a ignorância, colocada como “grande erro” (Azevedo, 1888, p. 1). O que se propõe fulminar são as ideologias, concepções ou práticas, através dessa força transformadora, capaz de atuar não apenas na denúncia de erros, mas também na construção de novas formas de pensar e agir.

De outra parte, as expectativas de Presciliiana Duarte de Almeida (1867–1944), fundadora da revista com relação ao uso da imprensa consistiam em: reunir a inteligência das brasileiras, “mais aptas, as de mérito incontestável” e apoiar o desabrochar do talento das mulheres “que começam a manejar a pena” (Almeida, 1987b p. 2).

Que a nossa revista seja como o centro para o qual convirja a inteligência de todas as brasileiras! Que as mais aptas, as de mérito incontestável nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas páginas com as suas produções admiráveis e belas; que as que começam a manejar a pena, ensaiando o voo alto, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta [...] (Almeida, 1987b, p. 2, grifo nosso).

Nessa citação, a metáfora da revista como centro de convergência em direção ao objetivo comum da emancipação intelectual das mulheres reforça a ideia de espaço de expressão coletiva e individual. Ao mesmo tempo, denota uma estratégia de legitimação apoiada na seletividade e priorização das mais aptas e incontestáveis pelo mérito⁵. Revela ainda o propósito de fomentar a escrita, promovendo um ambiente de colaboração para as novatas.

⁵ Dentre as colaboradoras de *A Mensageira* destacamos a Adelina Lopes Vieira (1850–1923), nascida em Portugal e nacionalizada brasileira, irmã da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862–1934) que também publicou nessa revista.



Segundo Pietrani (2020), a ideia de sororidade literária como prática de apoio mútuo, reconhecimento e valorização entre mulheres no contexto literário se manifesta, por exemplo, na participação de circuitos literários e na política de citação e difusão de outras escritoras.

Em mesmo sentido, Julia Lopes de Almeida (1987a) na *A Mensageira*, aponta “esta revista, dedicada às mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente às mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, à reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilita e as enriqueça, avolumando os seus dotes naturais” (Almeida, 1987a, p. 4, grifo nosso). A ênfase nas mulheres como alvo da revista e nos ideais de progresso, estudo e reflexão expressa as limitações impostas pelas normas sociais oitocentistas à emancipação intelectual, enquanto reconhece a exigência de análise crítica sobre as aspirações das brasileiras oitocentistas.

Assim como as mulheres buscavam a emancipação intelectual nos anos oitocentistas, em meados do século XX o campo de estudos do pensamento latino-americano almejava institucionalizar-se, enraizado na filosofia, defendendo a originalidade das ideias e a noção de unidade latino-americana, simbolizada pela Carta de Jamaica (1815) de Simón Bolívar (1783–1830). Essa ênfase na autoria masculina marginalizou as contribuições de mulheres, como Manuela Sáenz (1797–1856), engajadas nas independências das colônias ibéricas no século XIX e na produção de ideias (Ruano-Ibarra; Resende, 2022a). O desvendamento do androcentrismo no cânone do pensamento social latino-americano ganhou força a partir da segunda metade do século XX a partir da interpelação dos feminismos: onde estão as mulheres? Desafiando a ideia de que o conhecimento é neutro e universal, os feminismos passaram a destacar as experiências e contribuições das mulheres (Canavae, 2009; Carosio, 2017) e a evidenciar o favorecimento da autoria masculina na produção e disseminação do conhecimento científico que relega ou diminui a importância das ideias das mulheres (Blazquez Graf, Flores, Ríos, 2012; Baeta, 2015).

As brasileiras oitocentistas no jornal *A Família* e na revista *A Mensageira*

A influência de *A Família* alcançava diferentes regiões do Brasil e do exterior, seu público-alvo eram as mulheres das classes sociais abastadas. Com edições semanais de quatro a oito páginas e organizado por seções, destacava-se aquela titulada *A Família*, escrita por Josephina Álvares de Azevedo, que orientava sobre o comportamento das mulheres, dentro e fora do lar, além da *Secção Alegre* e de *Receitas Domésticas*. Para se manter culturalmente relevante se nutria de colaboradoras como Maria Amália Vaz de Carvalho (1847–1921),

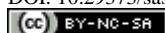
Narcisa Amália (1852–1924), Anália Franco (1853–1919), Ignês Sabino (1853–1911), Revocata de Melo (1853–1944), Presciliiana Duarte (1867–1944), Julieta de Mello Monteiro (1855–1928), Júlia Lopes de Almeida (1862–1934), Maria Ramos (?⁶), Maria Zalina Rolim (1869–1961) Maria Clara Vilhena da Cunha (1885–1949), Luiza Thiepont (?), Maria Amélia Queiroz (?) e Adélia Barros (?) que enriqueciam o conteúdo e disseminavam ideias através de seus círculos sociais e profissionais (Brilhante, 2022).

Financeiramente contava com assinaturas e publicidade, e se promovia diretamente participando em eventos sociais e culturais. Para atrair publicidade, novas leitoras e assinantes anunciava-o mediante parcerias com personalidades influentes. Na cidade de São Paulo, o jornal mantinha uma rotina de publicação aos sábados, a mudança de cidade, para o Rio de Janeiro, acabou refletindo desafios logísticos. Essa mudança foi desdobramento da transferência de propriedade do jornal para a Companhia Imprensa Familiar em 1891, decisão que buscava resolver dificuldades financeiras e garantir maior suporte institucional, se impunha a necessidade de adaptação à esfera pública, ainda hostil com a autoria de mulheres (Hiratuka, 2021).

Por outra parte, a estrutura da revista *A Mensageira* composta por artigos, poemas, contos e crônicas (Martins, 2001) incluía também retratos de personalidades da época, vinhetas e pequenos arabescos que decoravam as divisórias entre as colunas. Organizada em dois volumes, apresentava textos em prosa e verso, com seções fixas como *Carta do Rio*, *Seleção* e *Notas pequenas*, essa última abordava questões como fundação de creches, socorro às crianças órfãs, anúncios sobre edições futuras e correspondências elogiosas (Zinani, 2021). Era publicada de forma quinzenal e passou a ser mensal a partir de 1899 até o seu término em 15 de janeiro de 1900, contando com um total de 36 edições que variavam entre 16 e 28 páginas.

Escrita pelas mensageiras, escritoras enriqueciam a revista com uma diversidade de perspectivas, expandindo seu alcance por meio de suas redes de contatos e filiação em outros veículos de comunicação. Dentre as quais: Revocata Heloísa de Mello (1835–1944), Guiomar Torrezão (1844–1898), Adelina Lopes Vieira (1850–1923), Ignês Sabino (1853–1911), Julieta de Mello Monteiro (1855–1928), Júlia Lopes de Almeida (1862–1934), Maria Clara da Cunha Santos (1866–1911), Ibrantina Cardona (1868–1946), Áurea Pires (1876–1949), Francisca Júlia (1871–1920), Myrthes de Campos (1875–1865), advogada precursora no Brasil (Zinani, 2021) e a colaboradora francesa e sufragista Eugénie Potonié-Pierre (1844–?).

⁶ As informações incompletas sinalizaram-se com um ponto de interrogação.



A revista oferecia uma assinatura anual por doze mil réis, enquanto a venda avulsa era de mil réis. A representação e a distribuição eram meticulosamente organizadas tanto no Brasil quanto no Chile e na França. Em Paris, Madame Blanche Xavier de Carvalho (dados de nascimento e morte indisponíveis) a representava formalmente. No Brasil, contava com pontos de venda como a Casa Garraux e a Livraria Brazil em São Paulo, e a casa de músicas de Júlia Filippone no Rio de Janeiro. A poetisa e cronista Maria Clara da Cunha Santos (1866–1911), era a representante no Rio de Janeiro. Essa rede de distribuição solidificou sua presença no mercado editorial da época (Barp; Zinani, 2019).

Embora majoritariamente escrita por mulheres, buscava “o concurso de distintíssimos cavalheiros, cultores fidalgos e devotados da arte da palavra” (Almeida, 1987b, p. 2). A inclusão da autoria masculina (Knapp, 2021) visava fortalecer o diálogo sobre a inserção das mulheres na esfera pública. O texto intitulado *Cartão de Parabéns*, de Silvio de Almeida (1867–1924), na primeira edição de *A Mensageira* escreveu que: a “mulher brasileira não se limita mais ao simples papel de nossa exclusiva companheira do lar, mas que já se atira à imprensa e ao livro, para viver comosco não só a vida do corpo, mas também a vida superior do espírito” (Almeida, 1987b, p. 10, grifo nosso).

A revista *A Mensageira* e o jornal *A Família* se debruçaram sobre o lugar social atribuído às mulheres latino-americanas no âmbito dos papéis sociais de gênero, assuntos como matrimônio, maternidade e cuidado do lar eram pautados na imprensa oitocentista tradicional. A Mensageira relaciona a conquista de direitos para as mulheres com a felicidade e força dos povos.

Os povos mais fortes, mais práticos, mais activos, e mais felizes são aquelles onde a mulher não figura como mero objecto de ornamento; em que são guiadas para as vicissitudes da vida com uma profissão que ampare num dia de lucta, e uma boa dose de noções e conhecimentos solidos que lhe aperfeiçõem as qualidades moraes (Almeida, 1987a, p. 3, grifo nosso).

A revista acentua sua crítica ao argumentar mediante contraposição entre os “povos mais fortes, mais práticos, mais ativos e mais felizes” (Almeida, 1987a, p. 3) como aqueles que reconhecem e valorizam o potencial pleno das mulheres com os que as consideram ornamento. Povos fortes e felizes não são construídos sobre a opressão das mulheres, o acesso à conhecimentos sólidos expressa a reivindicação do direito à educação. O seguinte trecho ilustra o esforço por tensionar o papel social imposto às mulheres.

Para chegar ao resultado magnífico de saber viver, e o que é mais: ensinar a viver bem aos filhos, eu creio que a mulher precisa de habilitar-se para a vida,

como a pastorinha para o campo, com a comprehensão nítida e perfeita das suas responsabilidades. *Uma mulher ignorante, ou futil, não pode ser uma mãe perfeita* (Almeida, 1987a, p. 4, grifo nosso).

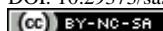
A citação reafirma a maternidade como responsabilidade das mulheres que são também responsáveis por ensinar a prole. A busca por aperfeiçoamento para o exercício da maternidade torna-se estratagema no contexto da reinvindicação do direito das mulheres à educação embora atrelado a atribuição de ensinar à família. Concilia com o argumento a ideia de que mulheres ignorantes não poderiam ser mães perfeitas, em analogia com o pastoreio, enfatiza a necessidade de formação para o exercício dessas funções familiares. Esse chamado à formação educacional das mulheres oitocentistas é disruptivo pois desafia o pensamento dominante que reservava esse direito aos homens.

A seção *Notas pequenas*, da primeira edição da revista *A Mensageira*, trata da primeira maternidade filantrópica de São Paulo, mantida exclusivamente por mulheres, e dirigida pela médica Maria Renotte (1852–1942).

A nós, mulheres residentes em S. Paulo, cabe-nos o humanitário dever de auxiliar tanto quanto possível essa casa, onde a mulher operaria e desprotegida da sorte encontra, em dias bem melindrosos para sua existência, o conforto e arrimo que temos a toda hora em nossos lares (Almeida, 1987b, p. 16, grifo nosso).

Ao descrever o puerpério como um período de “dias bem melindrosos” a citação reforça o argumento patriarcal da fragilidade das mulheres que, conforme Federici (2017) legitimou a sujeição e retirada do controle sobre seus corpos e a experiência do parto, transferindo-os para o domínio médico masculino. Paradoxalmente, a ideia sobre o parir como natural das mulheres reforça a errônea expectativa social da predisposição à maternidade. Além disso, se posicionar como mulheres privilegiadas com *conforto e arrimo* constitui estratégia de convocação na missão humanitária de auxiliar operárias e mulheres desprotegidas mediante essa casa de maternidade, evidencia uma certa compreensão das hierarquias e desigualdades de classe social. Porém, esse discurso comum no século XIX, reflete o paternalismo e caridade entre as mulheres das elites, que mascaram as causas estruturais da desigualdade e negam a agência das classes sociais empobrecidas.

De outra parte, o jornal *A Família* questiona a função educadora atribuída às mulheres mães. O seguinte trecho reconhece a importância da maternidade e ao mesmo tempo aponta-a como insuficiente. Essa reflexão vai além quando sugere que a educação das mulheres pode servir à sociedade de formas diversas.

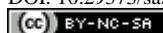


Algumas pessoas concordam em que a mulher deve ser educada para ser boa mãe de família. É justo. Mas alem desse mister o que faremos de uma educação solida, que possa ter desenvolvimento nesta ou naquellas aptidões especiaes aproveitaveis à sociedade, isto quando não tenhamos filhos a educar? *Nós não somos mães todos os dias e às vezes não o somos nunca* (Azevedo, 1888, p. 2, grifo nosso).

O destaque das aptidões das mulheres transcendendo a maternidade tensiona a norma patriarcal mediante a reinvindicação de ultrapassagem do âmbito doméstico. Esse pleito engajava-se na ideia do “princípio da força é o homem, o princípio da ordem é a mulher” (Azevedo, 1888, p. 1). Isto é, se coloca como um princípio a aptidão da ordem doméstica alcançada pelas mulheres a partir da delegação masculina para governar as famílias.

Nota-se que *A Família* e *A Mensageira* reconhecem o papel das mulheres no espaço doméstico, como esposas, mães e cuidadoras, mas se diferenciam nas formas como articulam a necessidade de transcender essas barreiras. Enquanto *A Mensageira*, defende a preparação da mulher para o espaço doméstico e enfatiza a ideia de que “uma mulher ignorante [...] não pode ser uma mãe perfeita” (Almeida, 1987a, p. 4), *A Família* questiona a restrição dessa preparação ao papel de mães, destacando que “não é mãe todos os dias e às vezes não o é nunca” (Azevedo, 1888, p. 2). Há, portanto, uma certa confluência na crítica ao confinamento das mulheres na maternidade, mas com abordagens distintas.

A autorrepresentação das mulheres almejada nessa revista e jornal é a de uma sujeita autônoma que busca ultrapassar o lar, a domesticidade imposta. No entanto, a construção dessa imagem não se dá de maneira unívoca. Em *A Mensageira*, as mulheres embora ancoradas na maternidade e cuidado, são representadas com capacidade intelectual e ativismo na construção de sociedades justas. Em conexão com o papel social da maternidade a educação é fundamental para prepará-las sem que isso implique ruptura ou vislumbre de ampliação de horizontes. A expectativa predominante é de que as mulheres tenham educação a fim de desempenhar melhor seu papel social. A imagem almejada na *A Família* é a de mulheres inseridas e reconhecidas por sua capacidade de contribuir em esferas que vão além do âmbito familiar. A representação das mulheres é pautada pelas aptidões, ultrapassando a capacidade reprodutiva. Se trata de uma recusa a reduzir-se à maternidade.



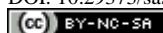
Considerações finais

A análise da primeira edição do jornal *A Família* (Azevedo, 1888) e da revista *A Mensageira* (Almeida, 1987) revelou seu propósito de tornar-se espaços de reflexão sobre a subordinação patriarcal das mulheres brasileiras no século XIX. Ambos os meios discutiram a emancipação das mulheres mediante a reivindicação do direito à educação até então prerrogativa masculina e de algumas mulheres das elites. *A Família*, por exemplo, focou na importância da instrução para a emancipação da mulher e *A Mensageira* na necessidade de educação para melhorar o desempenho como mães. *A Família* e *A Mensageira* compartilhavam da reivindicação do direito de educação para mulheres, ainda que com ênfases diferentes.

A pauta do direito à educação como estratégia para a emancipação das mulheres em ambas as edições estudadas denota o anseio das mulheres letradas das elites do Brasil oitocentista por romper com o confinamento doméstico e patriarcal. Criticaram a subordinação patriarcal se apropriando da escrita e posteriormente da difusão de ideias mediante jornais e revistas. *A Família* e *A Mensageira* exemplificam, no contexto da pesquisa que localizou 46 jornais e revistas oitocentistas de países latino-americanos, a demanda por direitos para as mulheres dos países latino-americanos.

Embora nossa análise priorize a reivindicação do direito à educação, *A Família* e *A Mensageira* trataram de outras temáticas como imprensa, escravidão, homem/homens, direito ao trabalho/profissão e direitos políticos, assuntos de interesse do pensamento latino-americano. Desse modo, ao questionaram os papéis sociais de gênero as escritoras brasileiras oitocentistas interpretaram e registraram sua compreensão dessa realidade social. No século XXI, evidenciando suas contribuições reafirmamos os dizeres de *A Mensageira*, grandes nações “valorizam o potencial pleno das mulheres” (Almeida, 1987b, p. 3).

AGRADECIMENTOS: Bolsa de iniciação científica CNPq e Programa de Iniciação Científica.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. L. de. Entre amigas. In: ALMEIDA, P. D. de (ed.). **A Mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987a. p. 3–5. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7767/1/45000034059_Output.o.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

ALMEIDA, P. D. **A Mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1987b. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7767/1/45000034059_Output.o.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

ANSALDI, W.; GIORDANO, V. **América Latina**. La construcción del orden. De la colonización a la disolución de la dominación oligárquica. Buenos Aires: Paidos, 2012.

AZEVEDO, J. A. **A Família**, São Paulo, ano I, n. I, 18 nov. 1888. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 2 out. 2024.

AZEVEDO, J. A. A. **A mulher moderna**: trabalhos de propaganda. Brasília: Senado Federal, 2019. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/563266/A_mulher_moderna.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 2 out. 2024.

BAETA, M. Misoginia en el mundo científico: cultura androcentrista. **Revista Estudios**, v. 8, n. 15, 2015. Disponível em: http://servicio.bc.uc.edu.ve/multidisciplinarias/estudios_culturales/num15/art04.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900–2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARCA, I. Desafios para ensinar a pensar historicamente. **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 14, n. 2, p. 38–62, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosfronteiras/index.php/v03n02/article/view/1159/pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARP, G.; ZINANI, C. J. A. A Mensageira, um periódico feminista do século XIX. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 21, n. 47, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/reihm/article/view/5908>. Acesso em: 2 out. 2024.

BOLÍVAR, S. Carta de Jamaica (1815). **Escritos políticos**. Disponível em: <https://www.columbia.edu/cu/spanish/courses/spanish3350/02independencia/pdf/jamaica.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.



BLAZQUEZ GRAF, N.; FLORES, F.; RÍOS, M. **Investigación feminista:** epistemología, metodología y representaciones sociales. Ciudad de México: UNAM, 2012. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/Mexico/ceiich-unam/20170428032751/pdf_1307.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

BRILHANTE, G. E. da S. **O periódico A Família e a luta em prol do voto feminino (1889-1891).** 2022. [s.p.]. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25960/1/Gabriella%20tcc%20O%20peri%C3%b3dico%20A%20Fam%C3%A1lia%20e%20a%20luta%20em%20prol%20do%20voto%20feminino%20%281889-1891%29.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

CANAAVE, D. L. Localización geohistórica de los feminismos latino-americanos. **Revista de la Universidad Bolivariana**, Santiago, v. 8, n. 24, p. 95-109, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/polis/v8n24/art06.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

CAROSIO, A. Perspectivas feministas para ampliar horizontes del pensamiento crítico latinoamericano. In: SAGOT, M. **Feminismos, pensamiento crítico y propuestas alternativas en América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, 2017. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20170828113947/Feminismos_pensamiento_critico.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 2 out. 2024.

FARIA FILHO, L. M. de; SALES, Z. E. S. de. Escolarização da infância brasileira: a contribuição do Bacharel Bernardo Pereira de Vasconcelos. In: FARIA FILHO, L. M. de (org.). **Políticos, literatos, professoras, intelectuais:** o debate público sobre educação em Minas Gerais. Belo Horizonte: Mazza, 2009. p. 21–44.

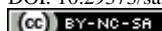
FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. Coletivo Sycorax, 2017. Disponível em: http://coletivosykorax.org/wp-content/uploads/2019/09/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB-1.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

FERREIRA, L. M. A. Representações da sociabilidade feminina na imprensa do século XIX. **Revista de História e Estudos Socioculturais – Fênix**, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/267/252>. Acesso em: 2 out. 2024.

FLORES, H. A. H. A mulher na Guerra dos Farrapos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS**, Porto Alegre, n. 148, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/download/57582/34557>. Acesso em: 2 out. 2024.

FUNCK, S. B. O que é uma mulher? **Revista Cerrados**, Brasília, v. 20, n. 31, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26036>. Acesso em: 2 out. 2024.

HIRATUKA, R. K. **O jornal “A Família” em foco:** uma análise de discursos, idealizações e reivindicações. 2021. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro Universitário



Sagrado Coração, Bauru, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.unisagrado.edu.br/jspui/handle/193>. Acesso em: 2 out. 2024.

IANNI, O. **Enigmas do pensamento Latino-Americano**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em:
<https://elizabethruano.com/wp-content/uploads/2019/07/Ianni-2000-Enigmas-do-Pensamento-Latino-American.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

INFANTE VARGAS, L. De la escritura personal a la redacción de revistas femeninas. Mujeres y cultura escrita en México durante el siglo XIX. **Relaciones. Estudios de historia y sociedad**, Zamora, v. 29, n. 113, p. 70–105, 2008. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/137/13711306.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

KNAPP, C. L. A revista A Mensageira e a proposta de educação da mulher brasileira. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 39, p. 9–38, set. 2021. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/180858/175901>. Acesso em: 2 out. 2024.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em:
https://www.academia.edu/35906793/Nilson_lage_estrutura_da_not%C3%A1cia. Acesso em: 2 out. 2024.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1990. Disponível em:
<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

LIMA, T. C. S. de.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37–45, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111–153. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/CLIO/article/view/25349> Acesso em: 2 out. 2024.

LUSTOSA, I. **Insultos impressos: a guerra dos jornais na Independência (1821–1823)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

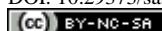
MARINI, R. M. **As raízes do pensamento latino-americano**. México: UNAM, 1994. Disponível em: <https://marini-escritos.unam.mx/?p=1515>. Acesso em: 2 out. 2024.

MARTINS, A. L. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890–1922). São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Disponível em: <https://docs.revistasdeideias.net/extras/0000002997.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

MARTINS, C. E. **O pensamento latino-americano e o sistema mundial**. Buenos Aires: CLACSO, 2006. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/10843/2/C03CMartins.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.



- MIZUTA, C. M. M. A educação no processo de organização e consolidação do Brasil: o pensamento de Bernardo Pereira de Vasconcellos (1795–1850). In: MIZUTA, C. (org.). **Império em debate: imprensa e educação no Brasil oitocentista**. Maringá: Eduem, 2010.
- PÁDUA, E. M. de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- PALLARES-BURKE, M. L. G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 104, p. 144–161, 1998. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/723/737>. Acesso em: 2 out. 2024.
- PIETRANI, A. Um caso de sororidade literária: Narcisa Amália e Amália Figueiroa em jornais e revistas do século XIX. **Soletras**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 40, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/51393/34866>. Acesso em: 2 out. 2024.
- PIRES, A.; LIMA, S. Função-autor de Foucault e comodificação discursiva no contexto do capitalismo cognitivo. **Vialitterae**, Anápolis, v. 12, p. 292–304, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/11620/8274>. Acesso em: 2 out. 2024.
- RUANO-IBARRA, E. del S.; RESENDE, V. A sub-representação da autoria de mulheres na bibliografia de disciplinas de ensino superior. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 18, n. especial, p. 1–31, 2022b. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/download/1909/993/8255>. Acesso em: 2 out. 2024.
- RUANO-IBARRA, E. del S.; RESENDE, V. Agências de mulheres nas independências: das lutas bolivarianas aos levantes brasileiros. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 24, n. 60, p. 416–441, 2022a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/KCSmHSzQt4pxx4jpVKx97WL/>. Acesso em: 2 out. 2024.
- RUANO-IBARRA, E. del S.; RESENDE, V. Autoria de mulheres e desigualdade de gênero no ensino superior. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 23, p. 1–20, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/qSNJGJdY95nbHnrXBr9rhZQ/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.
- SAMARA, E. de M.; TUPY, I. S. S. T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. Verbete “Indústria cultural”. In: **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 225–230. Disponível em: <https://efabiopablo.files.wordpress.com/2013/04/dicionario-de-conceitos-historicos.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.
- SIRINELLI, J.-F. Os intelectuais. In: REMOND, R. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 231–269. Disponível em: <https://joaoafabiobertonha.com/wp-content/uploads/2019/08/por-uma-histc393ria-politica.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1966 Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/sodre/1966/mes/or404270.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.



VALDÉS, E. D. El pensamiento latinoamericano a comienzos del siglo XX: la reivindicación de la identidad. **Anuario de Filosofía Argentina y Americana**, Mendoza, v. 14, p. 11-76, 1997. Disponible em: https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/1626/devescuyo14.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

ZEA, L. **Antología del pensamiento social y político de América Latina**. Washington: Unión Panamericana, 1964.

ZEA, L. **El pensamiento latino americano**. Barcelona: Ariel, 1976.

ZINANI, C. J. A. Presciliiana Duarte de Almeida e a revista a Mensageira: o papel da mulher na imprensa. **Brasil/Brazil**, p. 78–94, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/117391>. Acesso em: 2 out. 2024.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Programa de Iniciação Científica da UnB.
- Financiamento:** Bolsa de iniciação científica CNPq do Programa de Iniciação Científica da UnB.
- Conflitos de interesse:** Não há conflito de interesse de natureza pessoal, comercial, política, acadêmica ou financeira.
- Aprovação ética:** Não foi necessário passar por comitê de ética em pesquisa, os dados utilizados foram documentais e bibliográficos que dispensam esses procedimentos.
- Disponibilidade de dados e material:** Estão disponíveis no texto.
- Contribuições das autoras:** Cada autora do artigo participou da formulação de ideias, na coleta, análise e interpretação de dados, na redação e revisão do manuscrito. A autora orientadora gerenciou o projeto e o financiamento da pesquisa, além de conduzir o orientar a execução.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

